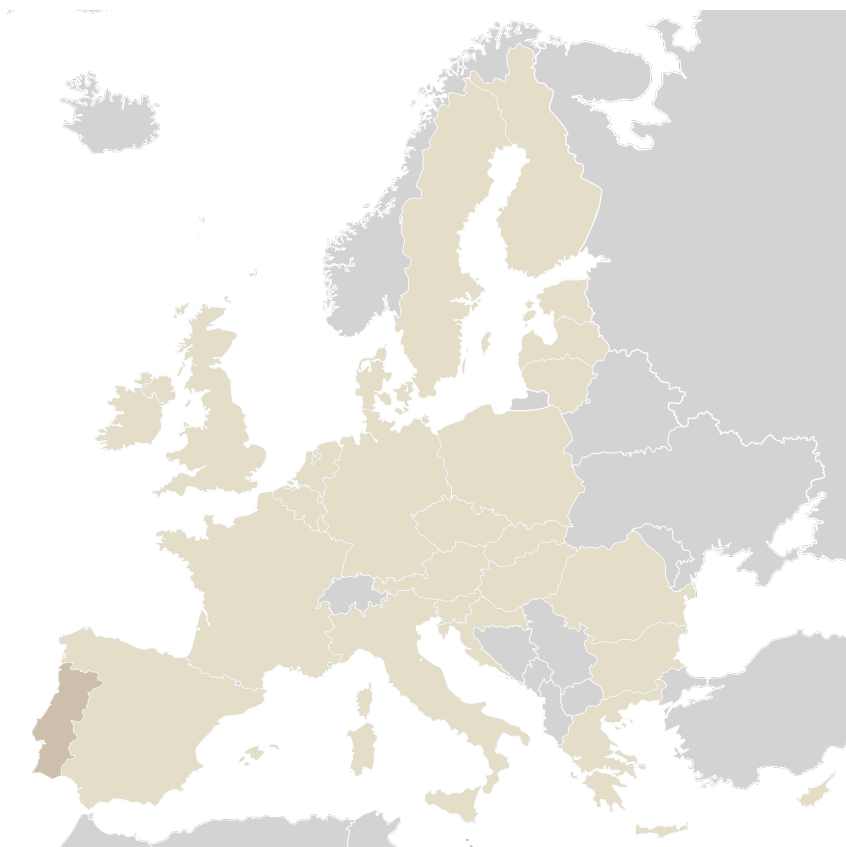


Ser Europeu em Português



Ensaio

José Miguel Mendonça Guerra de Azevedo Seara
Estudante de Direito da Universidade Católica Portuguesa

Católica Porto

Prémio “EuroInfoLiteracia” 2016

31 de Maio de 2016

“Àqueles para quem nem *tudo* é claro” (Savater, 1999)

Introdução

Convicto de que a aprendizagem do exercício da cidadania europeia supõe e inclui obrigatoriamente a consciência reflexiva sobre a nossa identidade nacional, proponho uma incursão feita, a partir da primeira pessoa, pelo universo social em que decorre o nosso existir.

A despreziosa finalidade a que me proponho obedece à intenção de contribuir para a tomada de consciência da tendência que temos para a “não-inscrição”¹ na realidade.

Desenvolvimento

Nasci Europeu e cresci alimentado por noções impregnadas de universalidade cultural. Na aldeia global onde a minha (in)formação decorreu, aprendi a pensar, a sentir, a *ser*, em Português, o que constituiu o meu primeiro habitat cultural. Nesse (segundo) embrião fiz-me *tantos e todos sendo* – português, europeu, cidadão do mundo – a partir de aprendizagens (in)formais que me foram esculpindo. Sei que a minha identidade é o resultante desta dinâmica que constitui a essência de um universo concentracionário, e sinto-me privilegiado por viver num tempo plural. Mas, será este fator de enriquecimento, condição suficiente para a minha estruturação enquanto pessoa e cidadão? Serei no século XXI um cidadão de forma mais plena, autêntica e dignificante, alguém capaz de inventar o seu destino e de contribuir para a (re)invenção da sua pátria, da Europa e do mundo?

Para tal, antes de mais, parece-me essencial ser mais consciente da minha identidade, condição necessária para o exercício crítico da (tão apregoada) cidadania empenhada e responsável.

¹ José Gil, *Portugal, hoje. O medo de existir* (Lisboa: Relógio D’Água, 2005)

Quem é o jovem Português do nosso *tempo*? E, em que é que se diferencia dos jovens que viveram num tempo anterior àquele em que vivenciam a cidadania Europeia?

Esta é uma pergunta aparentemente retórica dada a existência de diferenças gritantes que parecem marcar definitivamente a realidade: somos detentores de maior e diversificado número de bens materiais e de acesso a bens espirituais – instrução, cultura, etc. – como em nenhuma outra época. Temos muito mais e é expectável que sejamos mais. E, em alguns aspetos, somos. Possuímos mais informação e, possivelmente, mais conhecimento, desfrutamos de maior e diferentes experiências artísticas, viajamos mais... Somos, naturalmente, bem mais.

Será? Será que a transformação ocorrida provocou uma mudança significativa naquilo que nos constitui? E, afinal, é possível defender a ideia de que há uma forma de *ser* portuguesa? Temos uma essência que nos diferencia? Sendo essa uma questão de uma complexidade maior que cabe neste ensaio analisar, resta centrar a nossa atenção em alguns dos aspetos que parecem teimar em fazer parte do nosso ADN (bio-cultural?).

Se recuarmos até ao início do século XVI, (re)encontramo-nos como pioneiros do processo irreversível de globalização a ampliar o mundo e a aproximar os povos. Hoje, de um outro modo, continuamos a cumprir a vocação de navegantes. Quase dois milhões de Portugueses, 1/5 da nossa população vive fora do país, ocupando Portugal o primeiro lugar *per capita* de cidadãos emigrados, constituindo a elite da migração mundial. Entretanto e sempre o que, em grande medida, parece permanecer é a nossa predisposição para nos deslumbrarmos com o estrangeiro. A que necessidade(s) corresponde esta procura *fora de nós*? E, o que resulta deste êxodo? Para além da óbvia procura de obtenção de vantagens económicas e sociais, o que nos move? Será a vontade maior de alargar os nossos horizontes? Se assim for, já éramos, por vocação, plenamente europeus, muito antes de oficialmente termos as fronteiras abertas. Ou, será que sofremos de algum síndrome que não nos permite acreditar em nós, e na nossa capacidade de apostarmos em Portugal?

Porque é que a imagem que se vê da nossa janela é tão apelativa que nos faz esquecer o interior da nossa casa²? Tal como nos é retratado nos *Maias*, não continuaremos de outro modo a ter um certo deslumbre por tudo que se prende, por exemplo, com Londres? Formações, estágios, empregos, ideias, produtos. Não teremos nós a obrigação de nos posicionarmos de uma forma mais lúcida e crítica do que aquela que adotamos ao longo da nossa história em que sempre procuramos contagiar-nos com ideias, modas e produtos provenientes de determinados países? Se atualmente até a massa crítica defende que só no estrangeiro se encontra a salvação, e que só noutra país se sentirão valorizados, o que resta? A desesperança? O ceticismo? O “cosmopolitismo postiço”³? A rendição ao fado de ser Europeu do sul (no sentido pejorativo)? Afinal União Europeia não assenta no ideal de maior equidade, fraternidade e enriquecimento mútuo entre os vinte e oito estados que constituem este projeto de humanização? Acredito convictamente que só seremos autenticamente Europeus e cidadãos do mundo se soubermos quem somos, o valor que possuímos e o que idealizamos ser. Tal não significa a defesa de qualquer tipo de nacionalismo que considero anacrónico e repugnante. O que pretendo é denunciar o que me parece ser um vício cultural que corre nas nossas veias: a tendência para a subserviência aos ditames⁴ vindos dos menos próximos na mesma proporção em que rejeitamos o que é nosso. Felizmente que, na minha opinião, a crise nos obrigou a olhar mais atentamente para nós e a valorizarmos o que mais nos singulariza. Ainda assim, fizemo-lo mais com os olhos colocados nos estrangeiros do que em nós

² “Se os portugueses têm uma virtude é o interesse que têm por tudo o que não é português. Ser português é querer saber como é ser outra coisa.” Miguel Esteves Cardoso, *Explicações de Português* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2001)

³ Eça de Queirós, *Os Maias* (Porto: Porto Editora, 1888)

⁴ “Respeitamos todas as regras sem questionamento. Se desrespeitamos alguma é porque se trata de uma regra que se convencionou não respeitar”. José Luís Peixoto, *Abraço* (Lisboa: Quetzal Editores, 2011)

mesmos. Mais para lhes agradar e garantirmos a nossa sobrevivência do que por nos orgulharmos e prestigiarmos a nossa cultura. Claro que é importante cativar as divisas estrangeiras, alargando o nosso mercado de exportação e trazendo até cá os que ouvem falar da nossa simpatia, gastronomia, clima e monumentos.

Mas, não serão, também, necessárias medidas estruturais que passem pelo investimento na nossa *fé*? Não proponho injeções massivas de autoestima – do tipo *yes we can* –, mas antes uma maior aposta na identidade nacional e regional, bem como na materialização de oportunidades de otimização da realidade que nos é mais próxima. Defendo que se é fundamental pensar em termos europeus e globais, também é essencial conhecer, agir e mudar em termos locais. Se soubermos ser mais portugueses, seremos melhores europeus. Se quisermos exclusivamente ou prioritariamente ser europeus, seremos refugiados. No nosso país ou fora dele. Proponho, pois, uma reabilitação na qual assumamos a tarefa de um arquiteto empenhado. É hora de apostar na solidez dos alicerces de oito séculos de história, confiar na sorte de quem se sabe destemido para enfrentar o desconhecido e ousar navegar. Com humildade para aprender com os outros, e coragem para correr o risco de errar por si. Embora sempre, orgulhosamente juntos. Em partilha. Rumo a uma Europa mais humana. Aquela que não podemos deixar de continuar a sonhar (re)construir. O ainda não lugar...

Considerações finais

Chegados ao termo desta breve análise, tudo fica em aberto.

Num mundo em permanente mudança, em que nós próprios nos tornamos permanentemente *outros*, urge continuarmos a (re)colocar as eternas questões que acompanham os navegantes: Para *onde* nos dirigimos?

Sem bússola, sem desculpas, entregues ao destino que devemos teimar em (re)inventar, estamos condenados a continuar a viagem. Rumo ao Mundo, ao continente, ao país que idealizamos, aquele em que encontraremos o *lugar*. O nosso. Partilhado com os outros companheiros de aventura(s). À margem de nacionalidades, tratados, convenções. Apenas um lugar feito de gente. “Gente

da nossa terra”⁵. Terra, lugar de todos. Unidos pelo estatuto de peregrinos, refugiados. À procura.

Bibliografia

- Cardoso, Miguel Esteves. 2001. *Explicações de Português*. Lisboa: Assírio & Alvim
- Gil, José. 2005. *Portugal, hoje. O medo de existir*. Lisboa: Relógio D'Água
- Peixoto, José Luís. 2011. *Abrço*. Lisboa: Quetzal Editores
- Queirós, Eça de. 1888. *Os Maias*. Porto: Porto Editora
- Savater, Fernando. 1999. *As perguntas da vida*. Alfragide: Dom Quixote

⁵ Música da fadista Mariza – Ó gente da minha terra